

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. . \$090

N.º 42 — VOL. III.

Sabbado 22 de Outubro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Jerusalem — Reinado de D. Afonso vi, continuacão — Egreja metropolitana de Buckarest — Christiania — Ammon, Rabbat, ou Philadelphia — O desconhecido, conclusão — O amor e o dever, continuacão — Sonetos — O mundo anda torto — O doutor José Manuel da Veiga. GRAVURAS — Ruinas d'um mausoleu em Philadelphia — Christiania — Egreja metropolitana de Buckarest — Via dolorosa.

Historia da actualidade.

Continua em Hespanha o embarque de tropas para Africa, e no reino visinho ha grande entusiasmo por esta guerra.

— Tambem a França reúne em Argel forças consideraveis na fronteira de Marrocos.

— A imprensa ingleza pronuncia-se contra a Hespanha por esta guerra, e diz que a Inglaterra não deve permittir que alguma nação europea se apoie de Marrocos.

— Finalmente teve lugar, no meio de grandes festejos e regosijos do povo, a abertura da nova barra do nosso porto da Figueira; parece que a corrente da agua damnificou algum tanto as obras, mas que este prejuizo é de facil reparação.

— A celebre tragica Ristori continua com as suas representações no theatro de S. Carlos, excitando verdadeiro enthusiasmo.

— Esta actriz, segundo noticias que temos já não vae dar representações no Porto, para o que fóra convidada, por isso quieto pedido que lhe se-gurassem oito recitas no valor de quinhentos mil réis cada uma, os portuezes unicamente se promptificaram a segurar-lhe tres.

— Já se fazem preparativos para as eleições municipaes, que devem ter lugar no domingo 6 de Novembro. Corre boato que sairão reeleitos os actuaes camaristas, com divergencia porém dos tres que competem ás assembleas do bairro Alto, pois ahi apparece divergencia nas listas.

— Os marroquinos estão fazendo igualmente grandes preparativos militares para resistirem á expedição hespanhola.

— Em Tanger trabalha-se activamente para melhorar e augmentar as fortificações de terra e mar. N'este trabalho se occupam até mesmo mulheres e creanças.

— Corre noticia de que nas costas de Marrocos foi apresado por um vaso hespanhol um navio inglez que ia carregado de armamento para o imperio marroquino.

— Continua a agradar muito a companhia hespanhola que está dando representações aqui em

Lisboa no theatro de D. Fernando. E' uma das melhores que tem vindo á capital.

— Tambem no Porto trabalha actualmente outra companhia hespanhola, á qual os jornaes da referida cidade fazem egualmente muitos elogios.

— Os montenegrinos agitam-se outra vez nas fronteiras da Turquia, a ponto de já terem invadido o territorio turco.

— O sultão escreveu uma carta aos seus ministros, censurando-os pelas suas reformas incompletas, e pelo grave apuro em que estão as finanças.

— Em Alep descobriu-se uma nova conspiração, que foi reprimida pelo vigor das autoridades.

— Houve em Breslau uma entrevista entre o imperador da Russia e o principe regente da Prussia. Os jornaes estrangeiros ligam grande importancia a este facto.

— Descobriu-se em Leorne uma sociedade secreta que trabalhava pelo regresso do grã-duque da Toscana.

— A Austria não se descuida de preparar as suas linhas de defesa na Italia.

— Publicou-se aqui em Lisboa uma walsa e polka para piano, composta por um joven de poucos annos, o senhor Luiz Dalhanty, filho do distincto professor do collegio militar o senhor Marcus Dalhanty. Os entendidos em musica fazem elogios a esta composição.

— Fizeram-se ultimamente experiencias no sitio do Alfeite com a nova artilharia raiada.

— Noticias do Porto dizem que a nova estrada entre o Cavado e Braga já está quasi toda madamizada, e que na da Portella continuam as obras com actividade.

— Naufragou perto de Liverpool o *Royer Charles*, de Melbourne, que conduzia quatrocentas pessoas, das quaes apenas se salvaram dez!

— O principe e princeza da Russia são esperados em Windsor no principio do mez de Novembro.

— O general Lloyd foi nomeado embaixador dos Estados- Unidos em França.

— Escrevem de Cacuttá que continua vigorosa a insurreição da India.

— O nosso governo vae nomear uma commissão para estudar a reforma das pautas.

— Falleceu em Zurich o conde de Colloredo, do ataque apoplectico de que foi accomettido, como já noticiámos.

— Diz um jornal hespanhol que as relações diplomaticas entre a Austria e a Inglaterra são mui frias.

— O principe de Galles matriculou-se como alumno na universidade de Oxford.

— Falla-se em dissidencia entre lord Palmerston e lord John Russell a proposito da questão de Hespanha com Marrocos.

— Espera-se modificação no ministerio inglez.

Jerusalem.

Apresentando hoje o desenho da columna de Jesus Christo em Jerusalem, transcreveremos as palavras de mr. H. Cornille, respectivas ao objecto. Eis como se exprime o illustre viajante:

«Jerusalem é uma das minhas mais queridas recordações. Ha alguma coisa de sublime nos destinos d'esta cidade, marcada para dar o signal da mais brilhante revolução que até hoje assombrou o mundo: cidade de predilecção que adormeceu um dia, cansada de prodigios, e cuja historia só bataria a preencher o intervallo que separa a antiguidade chaldaica da antiguidade romana.

«Jerusalem conserva poucos vestigios da passada grandeza. Privada dos seus palacios, templos, e columnas de porphiro, não existe, por assim dizer, senão por suas recordações. Em parte nenhuma, talvez, a magia dos nomes causa mais forte impressão no animo do viajante. Entrei em Jerusalem por uma porta estreita e destrocada; mas esta porta era a de Bethlem: vi alguns passos d'ahi uma torre fendida; mas esta torre era a de David, a do rei poeta que escreveu os psalmos; do rei que, em todo o brilho da sua gloria e do seu poder, produziu o *Miserere*. Mais longe, em uma rua montuosa, estreita, mal calçada, toquei com o pé em um capitel quebrado; e este capitel tinha sido ali posto para recordar o sitio onde Veronica, a mulher compassiva, fóra espalhar perfumes e flores sobre a cabeça do Christo arquejante, escarnevado, ajoelhado e curvado sob a cruz que arrastava ao Calvario. A columna d'este capitel está ainda de pé no angulo de duas portas. Algumas toezas mais abaixo encontra-se aquella onde o filho da Virgem foi preso como um criminoso ao poste, quando se entregou á flagellação.

«Achava-me então na Via dolorosa, entre o cume do Golgotha, onde se completou o sacrificio, e foi esgotado até ás fezes o calix d'amargura, e o valle de Josaphat, onde tem de ser feita justiça.

«Tinha á direita a casa do rico avarento, á esquerda a de Lazare; diante de mim a galeria, do alto da qual foi pronunciado o *Ecce homo*. Esta galeria descansa sobre uma arcada que corre por so-

bre a rua para comunicar a casa de Pilatos com as antigas prisões de Jerusalem, onde Jesus Christo foi encerrado, e que se acham igualmente em ruínas.

«A habitação de Pilatos é ainda a residência do governador de Jerusalem.

«Esta casa apenas perdeu a escada principal, a *scala santa* que Jesus Christo desceu para se dirigir ao lugar do supplicio, e que, transportada a Roma no tempo de Sixto v, foi collocada em uma capella proxima de S. João de Latrão. Vi os penitentes do Tibre subir de joelhos, um a um, estes de graus, cobertos hoje de laminas de nogueira.

«Apezar da vigilância dos guardas, introduzi-me em um quarto afastado d'onde pude distinguir a mesquita edificada no lugar em que estava o templo de Salomão, e cujo ingresso é prohibido a quem não segue o islamismo. Esta elegante mesquita, pintada de verde e oiro, cercada de um muro branco e ornada a intervallos de formosas arcadas, e dos mais lindos edificios do moderno Oriente.

«Continuei a descer: cheguei perto da piscina de Betsebah, celebre pela cura do paralytico; e, saindo da cidade pela porta de S. Estevão, segui um caminho que me conduziu ao jardim das Oliveiras, chamado Jardim de Jethsemania, ao pé do valle de Josaphat, sobre o secco alveo da torrente Cedron.

«Trepei depois, devagar, o Monte das Oliveiras; demorei-me sobre o rochedo, do alto do qual Jesus Christo annunciou a ruina de Jerusalem, e que serviu de ponto de reunião aos exercitos de Tito. A cidade de David apresentou-se a meus olhos em toda a sua desolação. Podia julgar-se um esqueleto privado de sepultura. O valle estava juncado de pedras funerarias, tristes sepulturas dos judens, que de todas as partes do mundo vão a Jerusalem para ali morrerem.

«Chegado finalmente ao cume da montanha, descobri a cidade dos prophetas, a planicie onde combateu Godofredo de Bouillon, as penedias que orlam a planura de Jerichó, o mar Morto brilhando sob um ceo vaporoso como uma nodoa livida no crepusculo, e mais ao longe, no horizonte do deserto, o pico inclinado do monte Nebo onde morreu Moysés.»

Reinado de D. Affonso VI.

(Fragmentos).

DESGRAÇA DO ESCRIVÃO DA PURIDADE CONDE DE CASTELMEHOR.

Continuação.

Perto do meio dia do mesmo dia 4 mandou o rei pelo conde de Santa-Cruz pedir á rainha, que consentisse no restabelecimento do secretario d'estado, que recebera ordem no primeiro d'este mez para se retirar, mas que não saíra ainda da cidade, tendo estado sempre no paço no aposento do conde, fazendo todo o expediente por sua propria mão.

Depois de ouvir o conde de Santa-Cruz pediu a rainha tempo para pensar. Logo que Castelmehor soube d'esta resposta pediu ao enviado francez Saint-Romain, sem lhe fallar da mensagem do conde de Santa-Cruz, que fosse ao paço e procurasse dispor a rainha a pedir ao rei o regresso do secretario, necessario nos negocios presentes, ou então consentir que o rei o chamasse.

Saint-Romain observou ao conde que só havia dias que o secretario tivera ordem para se retirar, e que o resentimento da rainha se mostrara mui grande para se esperar vencel-a tão depressa e sem preliminar. Os negocios d'esta natureza não se tratavam d'este modo. O conde ia errado: no negocio do infante tinha mais necessidade da rainha que do secretario. Com a sua precipitação podia azedar e alienar a rainha, quando o seu interesse devia ser alogal-a e tornal-a por todos os modos propicia. Não obstante, o conde instou em pedir a intervenção do enviado francez. A rainha mandou dizer a Saint-Romain, pelo seu confessor, que estava um pouco indisposta, mas que se voltasse no fim de duas horas o receberia. O conde desejava que a rainha e o enviado se vissem sem demora, e para isso deu-lhe

a dama Almeida para o introduzir. Encontrando na camara o conde de Santa-Cruz, quasi a despedir-se para levar ao rei a resposta a que já alludimos; Saint-Romain pediu á rainha, que demorasse o conde até ouvir o que tinha a dizer-lhe. A rainha assim fez, mas isso nada modificou a sua resposta: depois ordenou ao conde que dissesse ao rei que o secretario era mais capaz de augmentar a desordem presente, que de trazer-lhe remedio: que depois que ella estava em Portugal nunca lhe tinham pedido consentimento para coisa alguma; e que havia poucos dias tinham feito vir para a corte o duque de Cadaval sem nada lhe dizerem, por mais que soubessem que ella desejava o seu regresso, e muitas vezes tinha fallado a tal respeito; que o rei seu marido era soberano e podia com a sua autoridade fazer voltar o secretario de estado, mas que ella não podia dar para isso consentimento, porque se lhe oppunham a sua honra e auctoridade de rainha.

Despedido o conde de Santa-Cruz reteve a rainha ainda a Saint-Romain, para ouvir novas queixas de Castelmehor. Tinha começado a dar largas ao seu desafogo, quando Santa-Cruz voltou com nova ordem do rei para insistir em que ella consentisse, que se chamasse o secretario Antonio de Sousa de Macedo. A resposta foi que nada podia alterar na que já dera.

Quando Saint-Romain saía d'aquelles aposentos para os de Castelmehor, voltava Santa-Cruz terceira vez a fazer da parte do rei nova insistencia.

— Dizei a el-rei (lhe tornou a rainha) que ainda que me cortassem o pescoço nada mudaria a minha primeira resposta.

Depois d'isto recolheu-se á cama. Igual resposta mandou dar aos novos enviados, marquez de Sande, e Ruy de Moura, conselheiro d'estado, e confidente do conde.

Continúa.

JOSÉ DE TORRES.

Egreja metropolitana de Buckarest.

Buckarest ou a cidade do Prazer é a capital da Valachia. Situada em uma bella planicie sobre a margem do Dumbovitz, que desagua no Danubio, offerce de longe ao viajante deliciosa perspectiva. As casas, em numero de cerca de dez mil, occupam grande extensão. Este encanto, porém, desvanecce-se quando se chega á cidade. Nenhum plano presidiu a sua construcção, nem regulou os seus augmentos posteriores. As ruas, pela maior parte, não são calçadas, e em alguns sitios são cobertas de pranchas. Ao lado de casas sumptuosas, vêem-se muitas do mais triste aspecto. Deffronte de ricos armazens, que não desfeariam uma capital de primeira ordem, bastantes barracas de feira patenteiam permanentemente suas pobres mercadorias. Os mais bellos bairros são atulhados de cabanas. Esta desordem, estes contrastes de luxo e de pobreza dão a Buckarest estranho aspecto que a faz participar simultaneamente do Oriente e do Occidente, da aldeia e da cidade; que recorda tambem o seu passado humilde e agitado, e os seus esforços, assíduos e constantes, para chegar á independencia e á civilisação. Os dois edificios mais notaveis são o palacio do principe e a egreja metropolitana grega, que se erguem a pouca distancia um do outro, sobre uma eminencia no centro da cidade. A egreja tem tres campanarios de forma elegante; os seus zimbórios, assim como o telhado, são de metal pintado de verde. A superficie do monumento é coberta de estuque; o peristyllo, ornado de pinturas mais numerosas que bellas: a nave, muito estreita e mal allumiada, está accumulada d'ornatos. O altar é, segundo o rito grego, separado do resto do templo por um veu que só é levantado em certos momentos do officio; cortinas de diversas côres fazem espalhar no templo cambiantes reflexos.

Uma egreja catholica, outra Lutherana, uma synagoga, o palacio do consul d'Austria, e uma torre muito alta chamada *Torre do Fogo* são, depois d'aquelles, os monumentos que mais merecem fixar a attenção. É necessario citar tambem a camara dos representantes, de grande simplicidade assim no interior como no exterior: é uma vasta sala, na extremidade da qual está a cadeira do presidente; os membros sentam-se dos lados, e os oradores fallam

dos seus logares; não tem tribuna. Mencionaremos igualmente o museu de historia natural, um collegio frequentado por quinhentos alumnos, e onde se ensinam os elementos das sciencias, as linguas grega e romana, e a franceza em todas as classes; e finalmente uma bibliotheca, que contém cerca de dez mil volumes.

O numero dos habitantes de Buckarest pode avaliar-se em setenta mil. Os trajes são variadissimos, e mostram de quantos elementos diversos se compõe a povoação. Reina, nas ruas e praças, actividade bem rara nas cidades proximas do Oriente. Os judeus, sempre engenhosos e sensiveis ao engodo do ganho, concorrem muito para este movimento: vêem-se por toda a parte azafamados, e diligentes a offerrecer os seus serviços, principalmente aos estrangeiros, que se não livram facilmente da sua officiosa importunidade.

Carruagens d'aluguel circulam incessantemente como nas grandes cidades. De tarde, a principal rua de Buckarest, chamada *Pogonomochoi*, enche-se de carruagens. Os boyardos ostentam extraordinario luxo, e a maior parte d'elles empobrece.

Tal é exteriormente o aspecto geral de Buckarest. Querendo conhecel-a intimamente: querendo estudar o caracter dos habitantes, as suas instituições, tendencias, grau que occupam na civilisação, é indispensavel ter presente algumas recordações historicas, e conhecer as vicissitudes que levaram successivamente a Valachia á sua actual constituição.

Sob o nome de Dacia, os antigos comprehendiam todo o territorio occupado hoje pela Valachia, Moldavia, bannato de Temeswar, e Transylvania. Logo que, depois da derrota de Decebalo por Trajano, a Dacia foi declarada provincia romana, os soldados vencedores receberam em partilha as terras dos vencidos, e fundaram uma colonia. Os vestigios d'esta occupação, que durou seculo e meio, nunca se apagaram: ainda actualmente os camponezes valachios se chamam *Romanos*; dão ao seu paiz a denominação de *zara roumanesea*, terra romana. Comprimentam-se usando o nome de *frater*. A sua linguagem, suave como a italiana, parece não ser mais que uma degeneração do latim. Custa a comprehender que as revoluções, que, desde a colonisação romana, tem tantas vezes ensanguentado este solo, não tenham mais sensivelmente modificado e renovado a população.

No tempo de Galieno, os godos estabeleceram-se na Dacia. No fim do seculo iii foram expulsos pelos hunos. A estes succederam-se os gepidos, os lombardos, e finalmente os bulgaros e os slavos. Sob a dominação d'estes ultimos, os antigos habitantes d'uma parte do paiz começaram a ser chamados valachios. Tem-se emitto a opinião que este nome vem da palavra *ulhas*, da qual ainda hoje se servem os slavos para designar os italianos.

No seculo ix, os tartaros expulsaram os slavos, que tornaram não obstante a estabelecer-se mais solidamente na Valachia no seculo xiii. Por este tempo é que a Valachia e a Moldavia foram erctas em principados.

Nos fins do seculo xiv, Bajazet fez a Valachia tributaria do seu imperio. Numerosas tentativas de independencia no seculo seguinte, não conseguiram subtrahir os valachios ao jugo dos sultões. O vaivoda Miguel defendeu os seus concidadãos por muitos annos; mas foi assassinado em 1602. e a sua morte deixou a Valachia sem defenza. Durante a primeira parte do seculo xviii, este desgraçado paiz foi vexado sob o peso da oppressão musulmana. Os sultões, que tinham reservado para si a escolha dos vaivodas, não davam o governo senão a apaniguados seus para facilitarem os meios de extorquirem, por todos os modos, os mais onerosos impostos. Um unico refugio se offerreceu aos valachios — a protecção da Russia. Obtiveram-na facilmente tomando o partido d'esta em todos os conflictos que occorreram entre ella e o imperio turco nos fins do seculo passado e principios d'este. De cada vez que a paz se restabelecia, a Russia, conservando sempre ao sultão a soberania sobre a Valachia e a Moldavia, estipulava, em favor d'estas, condições de mais larga independencia, tendo cuidado de reservar para si os direitos de protecção, e a influencia, que exerce hoje mais activamente do que nunca.

O tratado que regulou as relações actuaes d'es-

tes principados com a Sublime Porta, e que lhes outorgou definitivamente uma constituição politica, foi assignado em S. Petersburgo a 29 de Julho de 1834.

O principe reinante Aleko Ghika foi investido directamente na autoridade pela Russia e a Porta; mas para o futuro o chefe do estado ou hospodar deveria ser eleito por uma assembleia composta de cincoenta boyardos de primeira classe, setenta da segunda, bispos, trinta e seis deputados dos districtos, e vinte seis delegados das corporações das cidades. Não pode governar senão sob a vigilancia da assembleia nacional, que fiscalisa as receitas e despezas do estado. Esta assembleia compõe-se: do metropolitano, presidente, e dos dois bispos diocesanos; de vinte boyardos, grandes proprietarios, eleitos por sua ordem; de dezoito deputados dos districtos, e dos representantes da cidade de Crayova.

O principado divide-se em dezoito districtos; cada um d'estes é governado por um magistrado que o principe escolhe entre dois candidatos eleitos pelos notaveis. Cada cidade tem um conselho municipal pelo qual se governa, impõe os tributos, e se administra, com a unica obrigação de submeter o seu orçamento aos ministros. Os habitantes christãos, nobres ou plebeus, proprietarios de bens de raiz no valor de setecentos francos, reúnem-se todos os tres annos nas suas parochias, e nomeiam os deputados encarregados d'eleger, entre os cidadãos possuidores de bens de raiz no valor de dois mil e oitocentos francos, os quatro membros que formam o conselho municipal.

A lei proclama a abolição da servidão. A propriedade do terreno pode ser adquirida por todos os cidadãos, que todos igualmente podem alcançar o ser nobres. Ha, com effeito, uma classe absolutamente privada dos direitos civis; queremos fallar dos *ci-ganos* ou *bohemos*, que são em numero de mais de duzentos e cincoenta mil na Valachia e Moldavia. Uns, a que chamam *aurari*, são encarregados de apanhar as palhetas d'ouro nos rios; outros, *ursari*, domesticam os ursos e passeiam-nos, mendigando, e vendendo receitas para as doenças do gado; outros, enfim, chamados *lingurari*, fabricam utensilios de madeira, etc. Os mais miseraveis, votados a vagamundear, são chamados *laiesi*.

Quanto aos camponezes, a sua sorte está muito melhorada, e a ignorancia é hoje o unico obstaculo á completa emancipação. Os grandes boyardos são obrigados a administrar-lhes uma porção de terreno segundo as suas necessidades e as de suas familias, com o onus, para estes possuidores, de pagarem o dízimo, e fornecerem dezoito dias de trabalho que podem renir por um imposto fixado pela assembleia nacional. Os camponezes são sujeitos a uma capitação annual de trinta piastras; mas os paes cujos filhos foram chamados ao serviço militar são de direito isemptos d'esse imposto.

Cada aldeia tem os seus archivos, os seus recebedores nomeados pelos contribuintes, e um medico para vacinar as creanças.

A pena de morte e as torturas não existem. O castigo mais severo é o trabalho nas minas de sal.

A instrucção publica acha-se espalhada com liberalidade em todo o principado. Contam-se quatro escolas gratuitas em Buckarest, e vinte nos districtos.

São conhecidas as recentes occorrencias succedidas n'estes principados, e das quaes nos não occupamos por não ser esse o nosso proposito.

Christiania.

Em 1624, depois do incendio d'Opskoe, Christiania IV lançou os fundamentos de uma cidade, que por ser edificação d'este soberano se chamou Christiania, nome que tem conservado até ao presente. Encerra muitos e bellos monumentos, entre os quaes se vêem ainda, em bom estado, bastantes do tempo do fundador. As ruas são perfeitamente direitas, e de proporcionada largura; e as casas de boa apparencia. Cercada de florestas, Christiania ergue-se elegantemente entre uma planicie e o mar, posição que dá grande segurança ao seu porto, ainda que muitas vezes seja este de difficil accessó por causa dos ventos que ali reinam.

Capital da Noruega, assento de alguns tribunaes, e de bastantes estabelecimentos diversos, Christiania conta perto de vinte e cinco mil almas. O commercio e as artes tem florecido pela grande actividade de que são dotados os habitantes, qualidade commum a todos os povos d'este paiz. Christiania é a mais industrial cidade da Noruega. Vastos edificios fabris e commerciaes, onde tem emprego grande numero de braços, concorrem para dar movimento e animação á cidade. Fabricam-se ali diversos artefactos, tendo o lugar mais importante entre elles o sabão e o vitriolo, que são tambem os principaes objectos do commercio de exportação. G. A. M.

Ammon. Rabbath. ou Philadelphia.

As tribus arabes da Asia Menor dão ainda hoje o nome d'Amman ás ruinas d'Ammon ou Rabbath, antiga capital dos ammonitas, situadas ao sul da nascente do Zerca, e ao norte do monte Nebo. Assim talvez pareça que a prophacia de Ezechiel: «O nome dos filhos d'Ammon será riscado da memoria dos homens» não se cumpriu á letra; mas na verdade este nome, que tem atravessado os seculos, é apenas um som vão para os que o pronunciam; e em quanto os judeus, espalhados pela terra, são ainda um povo distincto, não resta, de ha muitos seculos, nenhum vestigio da nacionalidade ammonita.

Estas mesmas ruinas, que os viajantes europeus, nas suas explorações ao mar Morto, costumam visitar, pertencem a uma cidade muito menos antiga que Ammon: attestam a magnificencia de Philadelphia, fundada no seculo III por Ptolomeu Philadelphia, e augmentada depois pelos romanos.

Seetzen parece ter sido o primeiro que determinou o verdadeiro assento de Philadelphia. E' um valle encerrado entre aridas montanhas siliciosas, e atravessado em todo o comprimento por um pequeno ribeiro chamado *Moyet-Amman*. Suppõe-se que o edificio quadrado, cuja fachada reproduzimos, era um mausoleo. Pouco tem sido observadas estas antigas ruinas, e portanto não é possível serem descriptas minuciosamente. A pedra que serviu n'esta construcção e calcaria; e a maior parte das inscrições estão apagadas: seria preciso tempo e paciencia para as ler e comprehender. Não deixa porém de ter perigo quem quizer entregar-se com applicação, n'este paiz deserto, aos estudos archeologicos. Os arabes suspeitam que qualquer inscrição antiga revela um thesoiro, e é sempre com desconfiança que vêm um europeu decifral-as: acompanham-no, seguem-lhe os menores movimentos; e se pretende levantar alguns fragmentos ou mexer na areia, e immediatamente cercado, e ameaçado. Atravessar a Syria e a Palestina não é coisa tão facil e agradavel como se suppõe. Não se viajando como um pachá, rodeado de numerosa e bem armada escolta, addicta, isto é largamente paga, está-se á mercê dos guias que, christãos ou infieis, não põem duvida em se entenderem, para se lhe pagar o resgate, com os arabes do deserto, e mesmo para os ajudar, em caso de resistencia. Os viajantes, nas bellas paginas que escrevem a respeito da Terra Santa e dos menores accidentes de suas viagens, esquecem-se quasi todos de mencionar os murros e pauladas que receberam.

Alguns monumentos cujo antigo destino é mais facil de conhecer estão espalhados, de distancia a distancia, pelas margens do Moyet-Amman. A esquerda ha um edificio solitario, em forma de semi-hexagono, cuja fachada está como suspensa sobre a agua. No centro tem uma bella arcada. Uma renque de columnas forma-lhe em roda uma especie de corredor. Segundo todas as apparencias, este edificio era um *stoa*, ou passio publico.

Pouco distante do *stoa* vêem-se os restos d'um grande templo completamente destruido. As ruinas d'outro templo, cujas columnas jazem por terra, e d'uma grande igreja que foi talvez a sede d'um bispado no tempo dos imperadores gregos e depois uma mesquita, os muros do castello no cume d'uma collina a oeste, é o que ha de mais notavel.

Entre o ribeiro e as montanhas a oeste, o solo está jancado de ruinas de casas particulares, que servem d'abrigo aos camellos e carneiros que os

arabes levam a beber ao rio. E' uma circumstancia que tem vivamente impressionado todos os viajantes. A' vista d'estes rebanhos, muitas vezes numerosos, pastando por entre as ruinas d'Ammon, repetem as palavras do propheta, d'esta vez literalmente cumpridas: «E reduzirei Rabbath a ser habitação de camellos... e acolheita de gados.»

O desconhecido.

Conto mysterioso.

Conclusão.

VI

O PHILOSOPHO.

La tendance du siècle est contre les distinctions hereditaires.

ROYER COLLARD.

Era um triste e sombrio dia, bem proprio aos acontecimentos que devia occorrer. Havia uma hora que tinha tido lugar a entrevista do capitulo antecedente, quando começou a chover horriavelmente.

O mysterioso desconhecido caminhava pela estrada real que ia ter á capital do condado. Esperava encontrar alguma das carroagens publicas que por ali transitam em caminho de Londres. Abotoou cuidadosamente a fatal casaca, procurando sobretudo pôr ao abrigo o bello forro branco.

— Foi em vão, murmurava elle com amargura; foi em vão que me disfarcei com este fato para me subtrahir ao meu destino. Por toda a parte elle me persegue, e... com os diabos! Esta terrivel chuva destroe totalmente o meu forro de setim. Que tempo não será preciso para ter um fato igual a este?! E' rarissimo que os homens d'esta classe... Aqui a chuva augmentou muito mais. Olhou em roda de si para procurar um abrigo, e viu uma pequena estalagem á borda da estrada, para a qual elle se dirigiu a toda a pressa.

Em quanto elle seccava ao fogo o seu fato, um outro viandante, assentado proximo de uma mesa, lia com tanta attenção, que não deu pela entrada do nosso heroe.

Este viajante era calvo, e parecia ter já passada da idade climaterica, e o livro que absorvia todos os seus sentidos era *Glumen Borchinscientornus*, sobre a conveniencia de viver em um parallelogramo, e de se não mover senão por angulos direitos. Distrahido pelos seus pezares, o desconhecido não deu attenção ao seu companheiro, e estendendo diante do fogo o seu fato todo molhado, continuou o seu queixoso soliloquio:

— Ah! de mim! dizia elle, já não tenho amor... nunca poderei ser o esposo de uma joven amavel, de uma rica senhora! As distincções sociaes me obrigam a viver isolado. Terrivel direito de morgadia! Odiosos privilegios hereditarios!

O nosso homem calvo, que era um philosopho e tinha escripto um grosso volume para provar em como um homem não era um macaco, saltou de alegria sobre a cadeira assim que ouviu aquellas palavras.

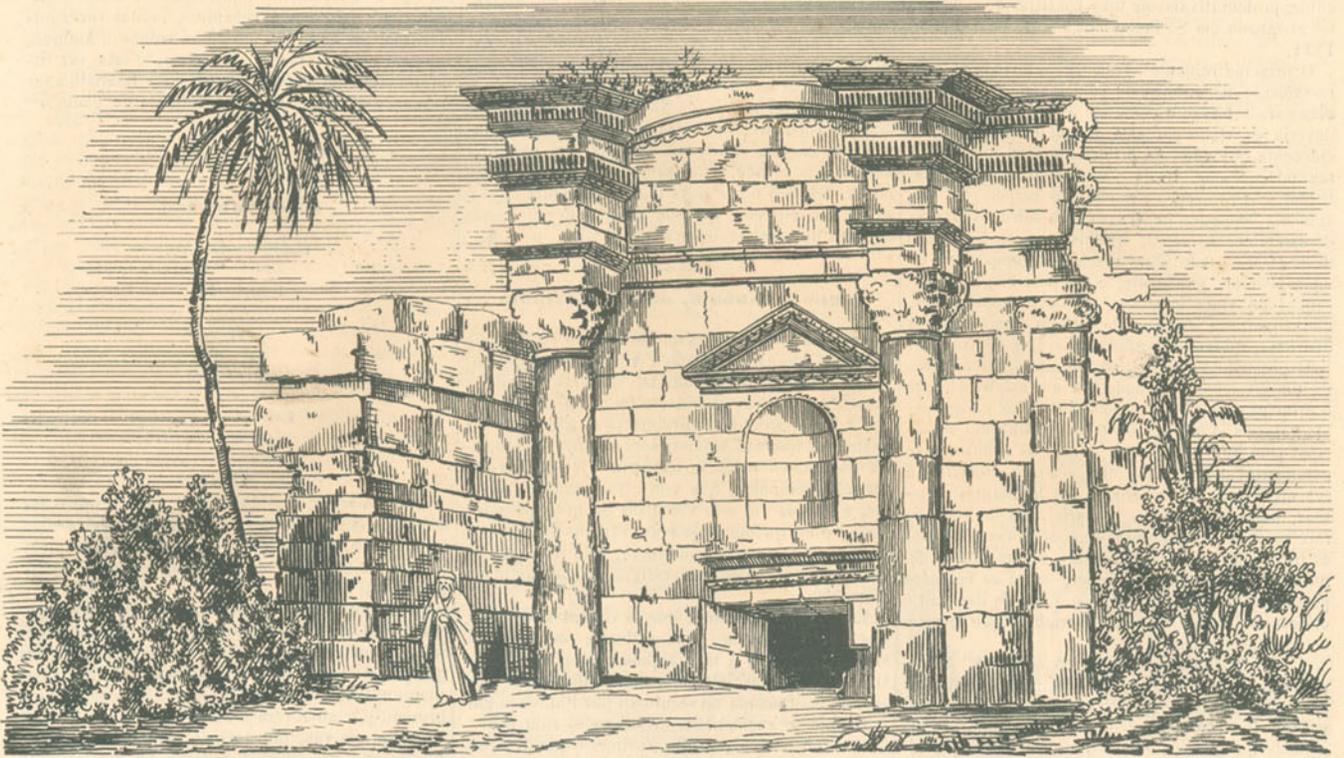
— Senhor, disse elle com enthusiasmo, estendendo a mão para o desconhecido. Os vossos sentimentos fazem honra á vossa intelligencia. Sois do pequeno numero dos homens esclarecidos, cujas opiniões vão muito alem do seculo a que pertencem. As distincções hereditarias! São na verdade o flagello da civilisação.

— Dizeis a verdade, disse suspirando o desconhecido; dizeis a verdade, meu senhor.

— Sem duvida, continuou o sabio, sois um filho mais novo privado dos seus justos direitos pelo monopolio absurdo de um filho mais velho?

— Não, sou eu mesmo o mais velho. Eu proprio exercço esse monopolio que aborreço.

— Nobre mancebo! que generosidade! Eis-ahi o que produzem as luzes, disse o philosopho maravilhado; o homem illustrado não pode ser egoista.



Ruínas d'um mausoléu em Philadelphia.



Christiana.



Egreja metropolitana de Bucharest.



Via dolorosa.

O desconhecido, excitado por este exemplo, caiu n'um accesso de eloquente enthusiasmo.

— Nada mais iniquo, dizia elle, do que essas classes irrevogaveis no destino do homem! Fomos compellidos a nascer n'uma certa linha, e somos obrigados a segui-la por força. Os nossos deveres estão limitados a uma certa rotina de execução, estamos apertados como os mochos, n'um estreito circulo conventual e separado do resto do mundo por uma barreira horrivel! Gozando de uma renda mais que sufficiente, nada excita a nossa ambição e a nossa industria; e os tres quartos da nossa vida são passados n'uma indolente apathia. Se procuramos alongar nossas relações, somos sempre alcançados por esse titulo fatal que nos marca com o sello terrivel de reprovação para com os nossos semelhantes. Não podemos seguir as nossas inclinações, não podemos casar como desejamos, e não nos podemos subtrahir a nós mesmo!

— E, exclamou o philosopho, se essas perigosas e detestaveis distincções hereditarias vos parecem penosas a vós mesmo, que de desgraças não produzem ellas entre os vossos inferiores! Condemnados a uma miseria extrema, e a todas as consequências d'essa miseria, a ignorancia e o vicio, commettem crimes, e vós os enforcaes!

— Nós os enforcamos!... Ah! E o sensivel desconhecido cobriu o rosto com as mãos.

— Que ternura philanthropica! disse o philosopho. Perdoae o meu atrevimento, senhor, mas quero apresentar-me a um homem que me inspira a mais alta estima e consideração. Eu sou o autor Slatternobigioso, e uma pessoa tão illustrada como vós, senhor, deve prestar a sua attenção á moral, e conhecer a verdadeira natureza do crime.

— Sim, murmurou o desconhecido, conheço-a perfeitamente.

— Pode ser, que tenhaes bebido a instrucção na biographia, essa vasta escola da veracidade pratica. Em quanto a mim, estou agora tratando da vida dos mais notaveis dos meus contemporaneos.

— E eu, senhor, disse o desconhecido, pondo o chapeo com ar decidido, deitando ao seu companheiro um olhar de revez e de implacavel ativez; e eu, senhor, faço a mesma coisa!

VII

O CIUME.

Elle torture ses pensées.

LE CORSAIRE.

— Ah! miss, dizia o alfayate, que atravessando a pequena cidade no seu cavallinho, encontrou a desventurada Laura, que entrava para casa, tendo na mão os *Soffrimentos de Werther*. Ah! miss, o passaro voou! Como foi que vos deixastes prender assim? Casar com um...

— Sei o que quereis dizer, o interrompeu Laura com altivez, e peço-vos que guardeis o maior segredo a este respeito. Conhecei-o?

— De vista. Vi-o em occasiões muito notaveis. Vi-o na primeira prova. Foi chamado para estar amanhã na cidade visinha.

— Justo ceo! e por que? Disse Laura aterrada, porque suppunha que o conde tinha sido preso para ser novamente enforcado.

— Para que? disse o alfayate, preparaes-vos para receber um golpe terrivel... Vae apertar o nó....

— Miseravel! perdido! infame! exclamou Laura, porque os seus temores tinham o logar d'um furioso ciume. Dizeis que vae conduzir ao altar uma outra....

— Exactamente, minha senhora, disse o alfayate; a victima espera o sacrificador! E fazendo-lhe uma profunda cortezia, afastou-se a meio galope.

VIII

O DESCONHECIDO.

Ce n'est pas pour moi que je fais ces choses, mais pour mon pays.
Aphorisme de Plutarque, lorsqu'il etait en place.

Apherisme commun à tous les hommes en place.

— Pobre primo Jack! dizia o procurador acabando d'almoçar. Tanto fez que apanhou. Mas sempre é nosso primo. Devemos-lhe fazer todos os obsequios como parentes. Vinde, minha filha, ponde o vosso chapeo, podeis acompanhar-me; isto vos distrahirá da vossa melancolia.

— Mas papá, tenho medo que esteja lá muita gente!... E' verdade que é um espectáculo maravilhoso, e creio que a sege e o ar me farão bem.

— Não de fazer, minha filha.

E pözeram-se a caminho para a capital do condado. Chegados a uma grande praça, viram um cadafalso que estava superior ás cabeças dos espectadores. Laura sentiu-se desfallecer, seu coração batia apressado, e tremiam-lhe as pernas. Ao redor d'ella conversavam muitas pessoas.

— Custou a convencer-o, não queria continuar no officio.

— Comtudo existe na sua familia ha quatrocentos annos.

— Dizem que fugira, dizia um terceiro interlocutor; mas prenderam-no, e julgo que lhe vão augmentar o ordenado... Bem sabeis que os despojos lhe pertencem.

— Eis-aquí o nosso infeliz primo Jack, disse o procurador; como elle está amarelo!

Laura levantou a cabeça. Ao lado do primo Jack, a quem iam enforcar, estava uma cara bem conhecida.

— O conde de Rompicollo! gritou o procurador admirado.

— O meu amante, o meu amante! exclamou Laura.

— E' elle mesmo, disse um dos circunstantes; continua no seu officio, é o carrasco hereditario!

— Um carrasco hereditario! repetiu um lord que ali se achava por acaso. Um carrasco hereditario! que parodia para os fidalgos!

E' com effeito uma parodia, ou a sabedoria é igual nos dois exemplos?...

O amor e o dever

COMEDIA-DRAMA ORIGINAL EM TRES ACTOS

POR FRANCISCO SERRA.

Continuação

SCENA VI.

MARGARIDA E ADELAIDE.

(São conduzidas até á porta da primeira sala pelo barão de Oliveira e José de Miranda, que fazendo uma cortezia as deixam livres logo á entrada, indo reunir-se depois aos pares que giram na sala contigua.)

MARGARIDA (que se deixa cair no sophá) — Bem o viste Adelaide, conduzia-a pelo braço, fallava-lhe affectuosamente, sorria ella a cada palavra de Julio, e eu... ah! sou muito infeliz!...

ADELAIDE — Margarida, minha boa amiga, socegue, interroga-o-hei...

MARGARIDA — E' já tarde! Julio esqueceu tudo, porque os sorrisos de Christina valem mais do que os sacrificios que me atormentam a existencia, valem mais do que as minhas lagrimas! Ai! tu não sabes, querida, que inferno é amar e não o poder dizer! que tortura é crer muito, e soffocar a doce affeição que rebenta espontanea d'alma! Eis ahi o meu soffrimento... e o que elle não sabe, e é o que talvez não acredite!

ADELAIDE — Silencio, minha amiga, vem gente.

SCENA VII.

AS MESMAS, JULIO E D. CHRISTINA.

D. CHRISTINA — Peço desculpa de não ter vindo complimentar e receber ainda a minha amiga.

MARGARIDA — Não deve usar de etiquetas comnosco.

ADELAIDE — Toda a formalidade de que puder dispensar-nos, é um obsequio que nos faz.

D. CHRISTINA — Quereis que as conduza ao toucador?

MARGARIDA — Nenhuma necessidade temos de compôr os nossos enfeites...

D. CHRISTINA — Tem razão, minha amiga; os enfeites de toda a maneira ficam bem á formosura.

JULIO (dissimulado) — Aquelle modo...

SCENA VIII.

OS MESMOS, JOÃO DE CASTRO E SEBASTIÃO.

JOÃO DE CASTRO — E' forte teima!... para te não ouvir, dou-te razão

SEBASTIÃO — Logo vi que havias de ceder... (reparando e dirigindo-se a Margarida) Pois não é verdade, minha senhora, que a vida matrimonial torna a existencia mais aprasivel...

D. CHRISTINA — E' um paraizo... o senhor João de Castro é um dos que o podem dizer.

SEBASTIÃO (a João de Castro) — Apanha agora esta! (aparte) Como ella vae com as minhas opinões!...

JOÃO DE CASTRO — Pois não, minha senhora, sempre entendi que uma esposa... (olhando para Margarida) como a que eu tenho a ventura de possuir... basta para realizar o tal paraizo.

SEBASTIÃO — Ponho embargos! ha bocadoinho não fallava assim.

JOÃO DE CASTRO (dissimulado) — Era para te experimentar...

SEBASTIÃO — Logo vi... sempre tens ratices...

MARGARIDA (baixo a Adelaide) — Sempre desconfianças!

SEBASTIÃO — Então, não apresentas esta senhora ao barão? (indo offerecer o braço a D. Christina no momento em que João de Castro lhe o toma) Minha senhora...

JOÃO DE CASTRO (que tem tomado posse do braço de D. Christina) — Queira desculpar-me... vou apresentar-lhe o barão. (a Sebastião) Dá tu o braço a minha mulher, Julio se quizer que nos siga. (sae com ella)

SEBASTIÃO — Vê que estou namorado de Christina e vae tomar-lhe o braço, deixando-me o da mulher! Ah! que se eu fosse outro... havia de vingá-lo-me! (dando o braço a Margarida) Minha senhora... (sae com ella para o lado seguido pelo outro par)

SCENA IX.

ADELAIDE E JULIO.

JULIO — Adelaide, sabe dar-me a explicação d'estes modos de Margarida?

ADELAIDE — Margarida, como toda a mulher que ama, adivinhou...

JULIO — Adivinhou o que?... Não sei a que possa attribuir.

ADELAIDE — A uma falta que teve a imprudencia de commetter.

JULIO — Uma falta!...

ADELAIDE — O amor de Margarida não era um mysterio para o senhor Julio. Depressa esqueceu os sacrificios de que a fez victima, para render a outra, na sua presença, um culto... que me absteinho de qualificar.

JULIO — Adelaide!

ADELAIDE — Desculpe, senhor Julio; mas é uma covardia abusar de um coração que ama pela primeira vez! porque em logar de partir para longe, de deixar essa pobre alma no socego em que devia esquecer-o, vem ás salas de uma reunião avivar o tormento que já a magoava, porque essa mulher não era livre, e não podia dizer-lhe sem ficar criminosa: — não partas, fica porque serei tua! E nem ao menos tem remorso de vir ao meio de uma festa insultar, prodigalizando a outra extremos e sorrisos, aquella que tem de receber silenciosa tamanhas affrontas?! Já que teve alma para atraigoar um coração que não devia prender... poupe á sua victima o espectáculo da traição!

JULIO — Vejo que Margarida me accusa, preciso fallar-lhe.

ADELAIDE — Fallar-lhe, e para que? Melhor seria que abandonasse a provincia, e que fosse vi-

ver para onde nunca mais se lembrasse d'ella! Longe, hade esquecer-o talvez, e quando o não esquecer, está ao menos livre d'esse desprezo insultante que ella não merecia.

JULIO — Despresal-a... eu?...

ADELAIDE — Pobre amiga... soffre porque teve a imprudência de o amar!

JULIO — Adelaide, queira dar-me o seu braço, vamos procural-a, quero fallar-lhe (*dá-lhe o braço e saem*).

SCENA X.

CESAR, FERNANDO E EDUARDO DA MOTTA.

(**JORGE** segue estes personagens, trazendo a caixa da rebecca, que põe em qualquer canto, retirando-se depois).

CESAR (*a Jorge*) — Pode pôr aqui a rebecca.

EDUARDO — Ora eis-nos enfim nas salas da função. (*a Fernando*) Continuas triste?

FERNANDO — Tudo isto me aborrece.

EDUARDO — Consola-te, não será por muito tempo a nossa demora aqui.

CESAR — Não sabem, meus senhores, Julio encravilhou-me! teve a audacia de denunciar-me como excellente rebequista. Sou o encarregado de os fazer dançar, porque n'esta terra não ha quem toque senão viola franceza ou cavaquinho, e esses mesmos são o mestre barbeiro e o ferrador. Ora, como aqui não ha necessidade de barbas feitas nem de ferraduras pregadas... (*olhando para Eduardo*).

EDUARDO (*rindo*) — Ah! ah! ah! linda terra!

CESAR — Por felicidade, saibam que encontrei em cima de uma das malas de Sebastião de Miranda, a caixa da sua flauta, e trago-a comigo. Pelas apparencias o homem toca primorosamente, e eu já não o largo. Havemos de dar folga um ao outro... ole! (*reparando para a sala immediata aonde atrahessa Sebastião de Miranda*) Oh! lá vae elle, lá vae... já o não deixo, já me não escapa... (*saem com pressa para o alcançar*).

SCENA XI.

EDUARDO DA MOTTA E FERNANDO.

FERNANDO — Ainda bem que ficamos sós; agora diz-me, que meios temos para sair dos obstaculos que se nos oppõem, para tornarmos á vida de Lisboa?

EDUARDO — Tive uma idéa, mas como és todo escrupuloso... hasde rejeital-a.

FERNANDO — Vamos, falla francamente.

EDUARDO — Teu irmão é morgado, rico e feliz; porque nasceu primeiro do que tu, o destino fê-lo herdeiro, e a ti... pobre, sujeito á esmola da sua generosidade! Olha, quem presa a igualdade como eu, tem amor á lei das partilhas.

FERNANDO — Queres dizer com isso?

EDUARDO — Que teu irmão goza de uma fortuna que metade bastaria para figurares um anno de rei! Dize-me, que te importa perder o seu conceito? Conceitos de morgado, que vulgarmente são conceitos de patetas. Não vive elle como abastecido herdeiro, em quanto que tu, nada tens?...

FERNANDO — Assim é, mas...

EDUARDO — Vou dar-te o meu conselho, embora o desprezes; lembra-te porem, que é o unico que pode fazer-nos voltar a Lisboa, salvando-nos d'estas inspidas festas de provincia. Achas graça ás mulheres que para ali se encontram? A esposa do cirurgião da villa, a viuva do boticario, as primas do juiz eleito, e outras que taes?! Podem chamar-nos á dança os sons de uma rebecca que não toca ha um anno? E tudo isto em togar das reuniões de Lisboa, das partidas em casa da marquiza, dos bailes sumptuosos dos capitalistas!... Oh meu amigo, se te demoras aqui, fujo-te indispensavelmente.

FERNANDO — Bem sabes que é impossivel voltar sem dinheiro; o agiota quer que lhe pague as cincoenta libras.

EDUARDO — Tens um meio facil; a familia reuniu-se aqui toda, e vendo-nos tambem não suspeita de nós. Demorar-nos-hemos até ás dez horas, e sem que ninguém dê pela nossa falta, che-

garemos a casa de João de Castro, e n'um momento serão nossas as joias de sua mulher, podendo voltar descansados a casa no fim d'esta reunião. Amanhã dá-se um pretexto qualquer, e partimos.

FERNANDO — Tal conselho é uma infamia.

EDUARDO — Seja o que fór, facilitei o meio de te salvares. Lembra-te que o jogo não é sempre adverso, e pode ser que a sorte fosse a nosso favor. N'esse caso poderias tornar a pôr no mesmo sitio as joias de tua cunhada.

FERNANDO — Nunca adoptarei similhante idéa.

EDUARDO — O que tens é medo... fica tu, que eu me encarego do negocio.

FERNANDO — Já disse que não consinto.

EDUARDO — Repara que os momentos são rapidos e preciosos, que não teremos depressa occasião tão prospera de voltarmos áquella vida esplendida.

FERNANDO — E' impossivel! mais vale renunciar esperando no futuro.

EDUARDO — O teu futuro está distante como o limite do horizonte que nunca se alcança! Não contes comigo senão até amanhã... espera-me outro amigo, e com elle talvez que a fortuna....

FERNANDO — Não me deixes n'este chaos; sem ti bem sabes que me falta a energia.

EDUARDO — Sou inflexivel! N'um instante podias vencer um espaço immenso de difficuldades. Recusa o meio que te salva, e em compensação alcunhas ainda de infame uma idéa feliz!

FERNANDO — Perdoa-me, Eduardo, a minha intenção não era offender-te.

EDUARDO — A tua amante espera-te em Lisboa ate ao principio do mez; se não lhe appareceres n'este prazo, irás encontral-a no poder d'outro... Bem sabes, a corda sensivel d'aquellas mulheres é o dinheiro!

FERNANDO — Desejo sair d'esta provincia que me enfada, mas roubar meu irmão...

EDUARDO (*aparte*) — Hesita... posso contar que venci! (*alto*) Escrupulos!... e elle não é morgado, não goza metade de uma fortuna que a lei da razão ordena que fosse tua? Sabes, este desfalque é tão pequeno, que receio não venha a senti-lo.

FERNANDO — Fazes tudo de mim, levas-me aonde queres, retiras-me d'onde te apraz! N'esse caso porem... dá-me alguns momentos para reflectir. Continua.

Sonetos.

Não gosto de jogar; mas gosto, ás vezes,
De me sentar ao lado dos parceiros,
E vê-los mui attentos, e ligeiros,
Qu'endo evitar da sorte os mil revezes;

Uns se assanham, que nem gatos maltezes,
Quando vão vendo o fim aos seus dinheiros;
Outros mostram os rostos prazenteiros
Quando põem á divina os seus freguezes.

Gosto de ver jogar; e, quando vejo,
O parceiro infeliz encavaçado,
Sabem qual é então o meu desejo?

E' que elle até, se o tem, perra o morgado,
Pois é tolo; e dá provas de sobejo
De que, indo buscar lá, foi tosquçado.

Quem quizer qualquer dama ver zangada
Não lhe chame nem tola, nem vaidosa,
Não lhe diga que é má, ou é temosa,
Ou que o seu feroz genio desagrada;

E não pense tambem vél-a esquentada
Quem lhe disser que a triste fama goza
De a muitos namorar, e em verso e prosa
A todos escrever, sempre inspirada:

Podem todos chamar-lhe tagarella,
Fera, bicho cruel, que se recreia
Em ver amantes mil soffrer por ella.

Que se zangue com isto ninguém creia;
Mas verão como toda se arrepella
Só de alguém lhe dizer: ai! como é feia!

Ateimas que é mania ser poeta,
Ser pobre caçador de frouxas rimas,
E queres ver se assim me desanimas
Para não mais cantar uma só peta.

Não te posso chamar um bom pateta
Quando mostras que versos não estimas,
Pois com isso que dizes só me animas
A fazer-te — desculpa — uma careta:

Não gostas dos encantos da poesia;
São gostos; e entre gostos não se teima,
Que é mostrar nos miolos avaria;

Não me zango contigo, meu boleima;
Porém, se fazer versos é mania,
Perder tempo a jogar chega a toleima.

Vou fazer um soneto? — Vou, depressa.
E deve ser bem feito? — Está sabido.
Mas de que fallarei?... do deus Cupido,
Que ao peito mil farpões nos arremessa?...

Mas eu fallar d'amor!... Olhem que peça!
Sem ver um coração por mim rendido!...
Deveras ficarei compromettido,
Sem ter quem seu auxilio aqui me offreça!

Duas quadras já eu fiz de repente...
Porém como engendrar este terceto?
Confesso que não sei mui francamente:

Comtudo, acabo esta obra em tom faceto,
E mostrarei aqui a toda a gente,
Que, sem saber de quê, fiz um soneto.

A UMA SENHORA, QUE SE ZANGOU POR LHE ESCREVER EM MÁ LETTRA UNS VERSOS NO SEU ALBUM.

Senhora, as minhas letras aleijadas
Sei que não lhe agradaram — tenho pena —
E vae chorar por coisa tão pequena
Quem inda não chorou por dar topadas!

Seis folhas do seu album estragadas
Lhe deixou esta minha ferrea penna...
Veja se a mil tormentos a condemna
Por não fazer lettrinhas bem talhadas.

Mas como, apenas, versos me pedira,
Arranjei, como pude, uma poesia,
(Se o nome, que lhe dou, não é mentira);

Mas não pensei, senhora, que exigia,
Além dos pobres sons da minha *lyra*,
Traslados d'ensinar calligraphia.

A Lisboa chegou monsieur fulano,
Que é de Paris o chimico mais bello;
Traz pomada que faz nascer cabelo,
Sem da cabeça ao casco causar damno:

Tem percorrido a Europa ha mais d'um anno,
Prestando á humanidade o seu desvelo,
E a mais de cem mil calvas dando pello
Tão duro como as crinas d'um garrano.

Leu este annuncio um padre *ajanotado*,
E correu a comprar uma caneca
Chcia d'este elixir elogiado:

Foi á loja indicada o tal padrega;
Entra... porém ficou desapontado
Quando viu que o francez era careca.

A UNS ANNOS.

Se fogueteiro fosse o meu officio
Fizera n'este dia mil foguetes,
Valverdes, e vistosos mijarettes
P'ra celebrar teu caro natalicio;

E, dando aos teus vizinhos *beneficio*,
Fizera arder de fogo *ramalhetes*.
Bichas de mabeir, que os joanetes
Põem de muita madama em precipicio :

Tambem ao ar lançara muita bomba,
E á pobre visinhança embasbacada
Em honra d'annos teus queimara a tromba ;

Mas, visto não ter prenda tão gabada,
E não te poder dar função d'arromba,
O que devo fazer ? — Não fazer nada.

Uma velha, versada em nigromancia,
Extrahе mago licor d' um negro ouriço,
E, co'elle unguendo a fronte ao meu touço,
Diz que ao Parnaso subirei com ancia.

Nunca pensei subir a egual distancia !...
Não quero acreditar no tal feitiço ;
Mas em breve, fervendo em reboliço,
Sinto na mente idéas d'importancia !...

Já canto, erguendo a voz valente e audaz...
Meus versos tem de mestre insignes toques,
Mas causam arrepios... roubam paz !...

Pinto demonios manejaudo estoques !...
Sou poeta inspirado em coisas más,
Por artes de berliques e berloques.

A UM QUE PEDIA VERSOS PARA A NAMORADA.

Ora você tem coisas, só fulano !...
Pois quer que eu faça versos á donzella ?!
Que tal ! Faça-os você, se gosta d'ella,
Antes que a fazer um lhe leve um anno,

Vem bater a má porta, por engano,
E esbarra co'os narizes na cancella :
Se quer mimosear a sua bella
Mande-lhe antes um leque... ou um abano ;

Compre-lhe algum pausinho de pomada,
Fitas, cassas, lilós, saias bafoes,
Luvas, rendas, setins, seda lavrada.

E, se quer da menina as afeições,
Saiba que versos não alcançam nada,
São anzoes que não pescam corações.

PEDINDO-SE-ME UM SONETO.

Um soneto me pede, senhor Chaves,
E eu, para cumprir bem sua vontade,
Imploro do Parnaso a mór deidade,
Pedindo-lhe inspirados versos graves.

Vou fallar-lhe... de que ? Gosta das aves
Quando soltam gorgeios de saudade?...
Ou é coisa, talvez, que mais lhe agrade
Ouvir pombos *cantar*, poisando em través ?

Diga, amigo, depressa, o que deseja,
Que p'ra servil-o agora tenho prompta
A musa, que agrada-lhe só almeja...

Mas espere, que tenho a bola tonta...
Um soneto pediu ?... pois conte, e veja,
Que são quatorze versos — e é a conta.

O mundo anda torto !

Este mundo anda torto, e retorcido,
Stá fora dos seus eixos e perdido ;
Porém deixal-o andar por este geito
Já que poder não ha p'ra o pôr direito.
Vejo todas as coisas transtornadas ;

Vejo os homens andarem ás marradas,
Em quanto muitos bois, com paz *suave*,
Vão puxando o seu carro em passo grave.
Vejo muitas mulheres, que tem labias,
Ignorantes ao pé das *vaccas sabias*,
E não abrinde a bocca uma só vez
Sem dar assumpto bom para entremez.
Vejo muitas meninas preguiçosas,
E pulgas eu já vi *industriosas*,
Que, em logar de estorvar o brando somno,
Ganhavam bom dinheiro p'ra seu dono.
Vejo muitos, que tem lingua damnada,
Passeiarem sem freio, á regalada,
Em quanto andam cavallos com mazellas
Por causa de bons freios e barbellas.
Vejo a bella fallando ao seu amante,
Dizendo asneiras mil a cada instante ;
E junto o papagaio, na janella,
Empregando melhor a *taramella*,
Dizendo, sem receio, *expressão grossa*,
Que o amante faz fugir — que não quer troca.
Vejo homens de saber sempre calados,
Sem abrirer o bico ; e alguns chapados,
Immensos toleirões — té com demencia —
Fazendo-nos perder a paciencia
Com arengas compridas, que dão secca,
E nos fazem, por fim, dôr de enxaqueca.
Vejo o homem que *aveza* poucos fundos
Gastar moeda e meia em dois segundos ;
Em quanto alguns, que são ricos *freguezes*,
P'ra gastar trinta réis tremem tres vezes.
Vejo creanças mil calcando o solo,
E cães, que correm bem, andar ao collo :
Vejo, enfim, n'este mundo tanta asneira,
Que não posso calar-me, antes que queira ;
E heide sempre dizer, p'ra meu conforto :
— O mundo é torto, é torto — e muito torto.

J. I. D'ARAÚJO.

O doutor José Manuel da Veiga.

O paiz acaba de perder um homem cuja sabedoria e illustração lhe tinham dado um logar distincto entre as notabilidades mais estimaveis da nossa terra.

O doutor José Manuel da Veiga, que acaba de fallecer na Arruda, era um dos primeiros juriscultos de Portugal e que muito honrava o fóro.

Este illustre advogado era natural da ilha da Madeira onde nasceu em 12 de Outubro de 1793. Em curta idade, inspirado já pelo ardor da intelligencia que lhe fervia no cerebro, deixando a casa paterna e vindo a Coimbra para receber a luz das sciencias na universidade, ali se manifestou logo o seu raro talento, e muito mais o confirmou nas magnificas theses do seu exame, que deixaram os lentes absortos, tremulos e irresistiveis, curvando a cabeça diante d'aquella prodigiosa intelligencia, atalhando-lhe a discussão, receiosos provavelmente de que a boa clareza das idéas do neophyto academico, a força de convicção, a sua perspicacia e logica de bronze, fizessem passar um desaire os veteranos da universidade na alta cadeira do seu ministerio.

Como lhe tinha sido prospero o destino nos primeiros committimentos, o curso correu-lhe sempre feliz, e ainda bem novo, o bacharel José Manuel da Veiga tomava o grau de capello.

Não foi sem saudade de todos os seus collegas e professores da universidade que elle a deixou, ficando em cada um d'aquelles um amigo verdadeiro e um admirador sincero do seu talento, para vir estabelecer o seu modesto escriptorio de advogado, onde sem pratica, começou logo a dar as mais salientes e favoraveis provas de um desinvolto expediente no fóro, até que um dia, chegando-lhe o momento de orar pela primeira vez no auditorio, a eloquencia, a escolha e elegancia da phrase, a energia da voz e a nobreza do porte, lhe conquistaram a admiração e o respeito diante do jury e dos juizes, como outr'ora o tinha alcançado entre os seus condiscipulos e em frente de seus mestres.

O bom exito da primeira causa foi a estrella que

lhe fez antever um futuro de gloria e uma carreira de flores.

Aproveitando-a bem, melhor soube ainda colher os fructos d'ella.

Seguindo a magistratura, em pouco tempo chegou á veneravel cadeira de juiz, da qual nunca lavrou uma unica sentença em que a lei fosse menospresada e a consciencia lhe não tivesse dictado o dever do bem merecido castigo ou da justa absolvição.

Possuindo elementos de sobra para nutrir aspirações elevadas e tão communs n'esta epoca de ambição de poder, não quiz alimentar-se d'ellas e ligou-lhe a pouca importancia que os homens de verdadeiro merito superior lhe costumam dar.

A politica, posto que não pouco trabalhasse n'ella a beneficio da liberdade, nunca lhe serviu de instrumento para se engrandecer. Ao contrario, tudo quanto ella podia trazer em seu favor, cedia elle espontaneamente a bem dos correligionarios do seu partido, que mais teriam necessidade das ostentações ephemerhas que essa inconstante mãe offerece aos filhos desfavorecidos da fortuna e ás vezes da intelligencia.

O doutor José Manuel da Veiga deixou-nos algumas obras de vulto e bastante utilidade, entre as quaes figuram as *memorias sobre o celibato criticas*, composição de grande merecimento, o judicioso escripto sobre *direito civil, Medea*, ensaio fragico e em verso, que se representou no theatro academico, e uma delicada collecção de peças recitadas nas varandas da casa do senado no real theatro de S. João, em que tem parte como collaborador o senhor Moura Coutinho.

Além d'estas obras de conhecido valor, existe um codigo penal que lhe mereceu a commenda de Christo, assim como outros serviços d'esta natureza lhe tinham dado a grã-cruz da mesma ordem e o habito da Conceição, insignias de que raras vezes se lhe via fazer uso.

A collecção dos seus versos vae ser dada ao prelo, o que muito honra os filhos do illustre sabio, que assim o resolveram.

Não faltava ao doutor José Manuel da Veiga como succede geralmente a todo o homem celebre, senão alguns inimigos.

Para maior gloria sua, nem lhe faltaram esses deprimidores que mal pensam reverdecer os louros ao ousarem estender a temeraria mão á corôa queorna a frente do genio, para lhe impregnar a peçonha que traz. Mas não inquieta o animo seguro, esses deprimidores ignobeis, não o amedronta esses zoilos engomados que fazem vida da verrina, quando respiram o veneno que os infesta, e que se assimilham aos reptis e aos vermes asquerosos que se despresam esmagando a pés no lodacal em que se revolvem.

A questão do aterro provou-o bem para o insigne jurisculto ; quanto mais o combatiam, mais elle sabia mostrar com inexgotaveis recursos e profundo conhecimento das leis, o sagrado e indisputavel direito de propriedade. Os seus judiciosos pamphletos sobre este importante assumpto, revelam a grande erudição d'aquella talento sublime que não deixava impunes as diatribes dos seus antagonistas, retalhando-os com o azorrague da critica habilmente manejaudo pelo saber.

Assim, foi na idade de sessenta e quatro annos que o advogado, o politico, o escriptor, o magistrado e o legislador deixou o mundo, não cessando nunca de estudar até aos derradeiros momentos da sua existencia, e de combater sempre que lhe propozessem o desafio de que sabia sair triumphante, como victorioso sempre, das tentativas que o animaram durante o longo curso da sua brillante carreira.

O doutor José Manuel da Veiga deixa um ilho na universidade a entrar no quarto anno, e ha toda a razão de esperar que o feliz successo das glorias de tão estimavel pae, saiba augmental-as e engrandecer a illustração de um nome já tão distincto e respeitado.

FRANCISCO SEER.